

ADRIANA FALCÃO

A MÁQUINA

ILUSTRAÇÕES

Fernando Vilela

MANUAL DO
PROFESSOR



SALAMANDRA





MODERNA

ADRIANA FALCÃO

MANUAL DO
PROFESSOR

A MÁQUINA



ILUSTRAÇÕES

Fernando Vilela

1ª edição



SALAMANDRA

Texto © 2021 Adriana Falcão
Ilustrações © 2021 Fernando Vilela

Coordenação editorial

Lenice Bueno da Silva

Assistente editorial

Danilo Belchior

Revisão

Sandra Garcia Cortés
Tatiana Borges Malheiro

Ilustrações de capa e miolo

Fernando Vilela

Projeto gráfico

Traço Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Falcão, Adriana

A máquina : manual do professor / Adriana Falcão ;
ilustrações Fernando Vilela. – 1. ed. – Guarulhos, SP :
Salamandra, 2021.

ISBN 978-85-7568-138-1

1. Literatura infantojuvenil I. Vilela, Fernando. II. Título.

20-46088

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5.

Literatura infantojuvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Todos os direitos reservados.

SALAMANDRA EDITORIAL LTDA.

Rua Urbano Santos, 755, sala 2
Guarulhos – SP – Brasil – CEP 07182-320

DE ACORDO COM AS
NOVAS
NORMAS
ORTOGRAFICAS





MODERNA

Para João.







Lá, de onde Antônio vem é longe que só a gota. Longe que só a gota pra trás, o que é muito mais longe que só a gota do que longe que só a gota pros lados. Pois vir de longe pros lados é vir de longe no espaço, lonjura besta que qualquer bicho alado derrota. Já vir de longe pra trás é vir de longe no tempo, lonjura que pra ficar desimpossível demora.

Lá, de onde Antônio vem, era tanta coisa acontecendo que nem sei se vai dar pra contar tudo. Tomara que ninguém se tome por esquecido, pois a história que aqui vai ser contada tem de todas um pedaço, além dos outros pedaços que ficaram perdidos no caminho do tempo que Antônio andou até aqui trazendo com ele essa história.

Era o tempo de Antônio.

E lá o tempo passava diferente. Era uma coisa agora, com um pouco já era outra e logo depois não era mais essa. Era aquela.

O tempo de Antônio passava rápido demais.

É ali por volta do ano 2000 que começa a história do tempo de Antônio.

Mas o tempo de Antônio começou há mais tempo do que isso, vinte e tantos anos antes, quando Antônio veio ao

mundo. Ou então ainda há mais tempo, bilhões de anos atrás quando o mundo foi criado.

Tudo era uma seca só.



Não tinha terra, não tinha céu, não tinha bicho, não tinha gente, não tinha nada.

Era só o breu.

Aí Deus foi ficando meio enjoado e resolveu criar o mundo.

Ele pensou assim: “Vê que besteira a minha, por que é que vai ficar tudo sem nada se eu posso inventar o que eu quiser?” Então saiu inventando. Primeiro Ele inventou o céu que era pra ter onde morar, mas como o céu tinha que ficar em cima de alguma coisa, Ele inventou a Terra pra ficar embaixo.

Então Ele pensou: “E a Terra vai ficar com um céu em cima e não vai ficar com nada embaixo não, é?” Daí Ele foi e botou o inferno embaixo da Terra. Ficou bem bonitinho aquele negócio assim azul em cima e aquele negócio assim vermelho embaixo.

No começo a Terra só servia pra isso. Pra ficar embaixo do céu e em cima do inferno. Era pouco, Deus concluiu assim: “Agora que tem a Terra, eu tenho que inventar gente pra botar lá.” Foi aí que Ele inventou a vida. E no que inventou a vida já inventou a morte junto, pois tudo que é vivo morre.

Diz-se que Ele soprou e apareceu Adão e que da costela de Adão Ele fez Eva.

Ficaram dois.

E ficaram os dois lá, só eles, e o tempo não passava. Como naquele tempo Deus ainda não tinha inventado o tempo, o antes, o agora, o depois, ficavam ali no meio, todos eles misturados. Até que um dia Adão se enfadava: “Ô, meu Deus do céu, isso não acaba nunca não, é?” Por sorte, Deus teve a ideia de inventar o dia e a noite que era pro tempo passar.

No dia em que Deus inventou o dia, concluiu que, agora, que o tempo ia passar, ia ter um dia hoje, depois ia ter outro amanhã, e amanhã ainda ia ter o ontem que foi hoje. Desse modo, Ele inventou o passado, o presente e o futuro de uma vez só.

Então vinha a parte mais difícil.

Já que o povo todo tinha nariz, tinha boca, tinha orelha e tinha olho, aquilo tudo tinha que ter uma serventia. Os olhos e o nariz já tinham a deles, pois os olhos serviam pra olhar pro céu e o nariz pra pessoa respirar enquanto viva e parar de respirar pra poder morrer em paz. Mas carecia de arranjar utilidade pra boca e pras orelhas.

Pra encurtar a história, foi aí que Deus fez o verbo.

Verbo é como se chamam as palavras.

E como pra cada palavra tinha que ter uma coisa, Ele teve que inventar um monte de coisa pra poder ficar uma coisa pra cada palavra.

Era coisa que não acabava mais.

E os homens acharam pouco e se botaram a inventar mais coisa ainda.

Desde o começo do mundo até lá pelo ano 2000, quando começa esta história, muita coisa aconteceu. E todo esse acontecido foi tudo o tempo de Antônio, pois tudo que aconteceu só aconteceu pra um dia o tempo chegar no tempo dele. E só depois achou de acontecer mais um pouco pra um dia chegar no tempo de agora.

Mas o tempo de Antônio, chamado assim desse jeito, o tempo de Antônio, como ficou conhecido esse tempo, o tempo de Antônio começou em Nordestina.



Nordestina era uma cidadezinha desse tamanho assim da qual se dizia: eita lugarzinho sem futuro. Antônio ouviu dizer isso desde pequeno e deu por certo o fato.

Pra chegar a Nordestina tinha que se andar bem muito.

É claro que ninguém fazia isso. O que é que a pessoa ia fazer num lugar que não tinha nada pra fazer? No entanto, quem fazia o caminho inverso contava pros outros o quanto tinha andado, e então se deduzia que se o caminho de saída era um, o caminho de chegada só podia ser o mesmo.

Antônio trabalhava na prefeitura da cidade, sendo pra folha de pagamento o funcionário de número 19.

Pro prefeito ele era o moço do café.

Pro povo em geral era Antônio de dona Nazaré. Pra dona Nazaré era seu filho mais velho. Toda noite dona Nazaré pedia a Deus por um filho seu, de modo que a cada um cabiam dois pedidos por mês mais um terço de pedido. Na falta de pedido retalhado, deixava juntar três meses e então fazia mais um, inteiro, pra cada filho. Nos meses de três pedidos — abril, agosto e dezembro — ela aproveitava pra pedir saúde, dinheiro e felicidade. Nos outros nove meses do ano os meninos tinham que se contentar com saúde e dinheiro somente, o que nunca coincidia com a realidade, pois se dona Nazaré fosse mesmo boa de pedido, há muito tempo Deus lhe teria enviado uma geladeira nova. Mesmo assim ela pedia, por costume, por insistência, porque, se deixasse de pedir, Deus podia esquecer que eles existiam, motivo é que não lhe faltava.



Se palavra gastasse, duvido que tivesse sobrado algum adeus em Nordestina, haja vista a frequência com que se usava naquele tempo essa palavra.

Era tanta gente indo embora que o povo até se acostumou com os vazios que ficavam e iam tomando conta da cidade, apagando cheiros, transformando em memória frases, olhares, gestos, e a cara daqueles que não tinham retrato.

Nos dias de faxina, e portanto principalmente nas quintas, sempre apareciam objetos esquecidos por um ou outro dos que já tinham se ido, que só serviam pra devolver de rancores a abandonos superados. A esses objetos se davam diferentes fins, sendo o mais comum o fundo de uma gaveta, e o mais doído, a navalhada.

Os motivos da debandagem generalizada às vezes viravam bilhetes e alguns eram furiosamente rasgados. O motivo escrito quase sempre era um arremedo do verdadeiro e tinha por maior utilidade consolar o destinatário do que dar a se entender o remetente, pois como é que se explica, diga mesmo, que o motivo de ir embora era só o nada?

Algumas partidas eram anunciadas com antecedência devido à quantidade de providências a serem tomadas. As notícias se espalhavam de várias formas.

Vende-se mesa de fórmica c/ 4 cadeiras, sofá 2 lug., cama casal, berço, fogão e geladeira. Ótimo estado. Tratar c/ Lurdinha no cartório.

Vendo urgente casa perto da bica. Quarto, sla., quintal, banheiro dentro. Pechincha. Rua da Travessa, 38.

Vendo fiteiro ótimo ponto lucro excelente.

Fundos da Prefeitura. Falar com Marconi no local.

Por motivo de viagem vendo gado bom danado. Dois bois, três vacas, um garrote.

Nos primeiros meses, os que tinham se ido costumavam ligar aos domingos, quase sempre a cobrar, pra casa de uma vizinha. Depois as notícias iam se espaçando e se dizia deles que tinham sumido no oco do mundo, que já devia estar cheio, inclusive.

Quem olhava pro horizonte em Nordestina, querendo ou não, imaginava uma linha perpendicular a ele, a linha traçada pelo destino dos que se importavam com o destino, de modo que o povo de Nordestina todinho tinha o horizonte por uma cruz, e não por uma linha, e era por esse motivo que o verbo cruzar cabia em todo tipo de entendimento.

Entre Nordestina e a cidade que ficava antes dela, tinha uma placa com os dizeres “Bem-vindo a Nordestina”. Há quem diga que até o tempo de Antônio quase ninguém tomou conhecimento da existência dessa placa.

O povo que morava da placa pra dentro imaginava uma risca no chão que separava Nordestina do resto do mundo. O povo que morava da placa pra fora não imaginava nada, jamais pensou no assunto, e não tinha a menor ideia de que pra lá dali ainda tinha mais um pouco.



Vivia em Nordestina, mesmo ali na rua de baixo, uma moça que apertava os olhos pela metade quando olhava, por quem Antônio era completamente apaixonado. Ninguém sabe dizer até hoje se o que endoidecia ele era o olhar pelo meio de Karina ou o resto todo. Entenda-se por todo inclusive o perfume que ela ia deixando por onde passava.

Antônio, que pra cada pessoa era um, pra Karina era somente o rapaz que sempre dava um pulo na casa dela quando largava do trabalho.

Depois ficou diferente, mas só depois.

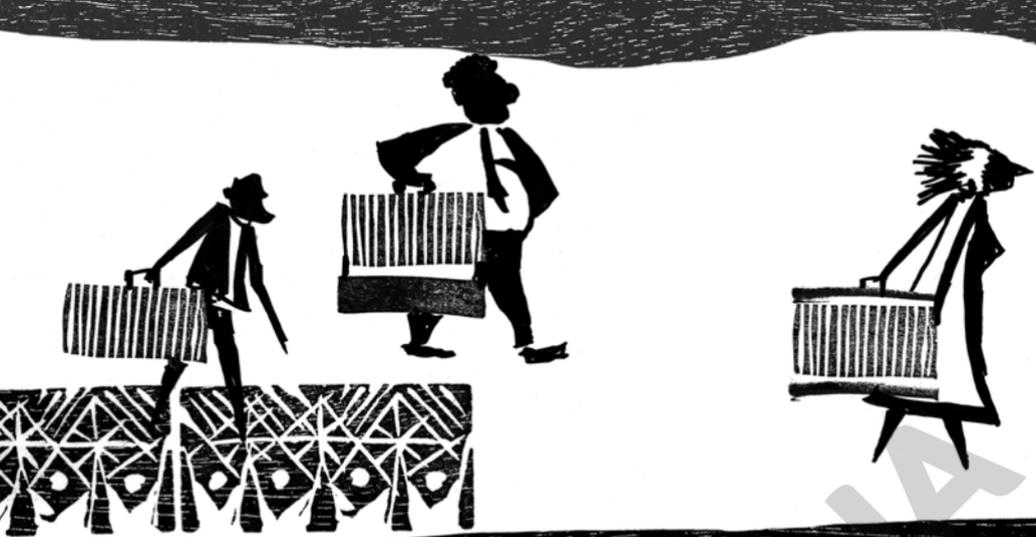
Só depois que as coisas todas mudaram.



As madrugadas de Nordestina andavam necessitadas de sonhos.

O cheiro de guardado das coisas que tinham ficado sem dono aproveitava pra passear nessas horas.

Às sete da manhã, cada vez menos bocas bocejavam. Cada vez menos vozes reclamavam da vida às dez e meia e menos sextas balançavam as redes depois do almoço. Na hora do café eram exigidas poucas xícaras.





O tempo andava espaçoso por não ter quem lhe interrompesse em momento importante.

E, Antônio, meio sem ter o que fazer, se botava a pensar besteira, pra gazeir o tempo até a hora de largar do trabalho. De tanto se ocupar com a demora do tempo, acabou por ganhar intimidade com ele.

Ficaram amigos.

Mesmo assim, Antônio tinha que espremer a besteira até onde dava, pra ajudar o tempo a passar, então primeiro pensava em besteira solteira e depois em besteira casada. Besteira solteira era quando pensava em coisa como descobrir razão pra existência de calombo, mas quando pensava em Karina, só pensava em besteira casada. Devido à falta de sorte, no melhor da besteira era justo quando o verbo fazer lhe chamava. O verbo fazer, no vocabulário das tardes de Antônio, já vinha com complemento. Era café que ele fazia. E então tinha que servi-lo, posto que café se serve quente.

As poucas conversas que se ouviam falavam sempre do mesmo assunto e não tinham pretensão de serem promovidas. Tinham se acostumado a ser conversa.

Procurava-se resposta pra pergunta mais pra levar as dúvidas a passeio do que pra chegar a alguma conclusão. No começo do dia as pessoas ainda tinham uma conversa mais apurada.

- O povo vai embora porque aqui não tem recursos.
- E por que não mandam recursos pra cá?

— Mandar recursos pra cá pra que se o povo está todo indo embora?

— Pro povo ficar aqui.

— Mas se aqui não tem recursos!

Quando ia chegando a tardinha, a conversa descambava.

— Se hoje é segunda, amanhã é terça.

— Não foi numa terça que dona Ernestina foi embora?

— Dona Ernestina tinha mania de chamar vidro de frasco.

Nessa hora a sorte dava uma olhada pra Antônio, se rezava a Ave-Maria e ele largava do trabalho.

Não sendo pessoa importante, nunca se atrasava.

“Cheguei cedo pro treino, Karina?”

“Não é treino, Antônio. É ensaio.”



Naquele tempo toda moça queria ser bonita e toda moça bonita queria ser artista de televisão.

Televisão era um negócio que ficava passando umas historinhas pro povo ficar vendo.

As historinhas iam acontecendo aos pedaços e de vez em quando vinham, não um, mas vários anúncios pra vender coisas assim como bicicleta. A finalidade era encontrar quem quisesse comprar o que era anunciado, pois com parte do dinheiro da venda do produto anunciado pagava-se para passar

os tais anúncios e com parte do dinheiro dos anúncios pagava-se a feição das tais histórias, sendo que eles faziam as historinhas tão benfeitadas que quem olhasse assim pensava que a finalidade eram as historinhas.

Karina era o nome da personagem da historinha que passava quando Karina nasceu.

Enquanto Karina da novela chorava as dores de um amor perdido, a mãe de Karina de verdade chorava as dores do parto. Teimosa que era, no que a filha lhe puxou, cismou de deixar pra chamar a parteira só no final do capítulo. Entre um estamos apresentando e um voltamos a apresentar, porém, Karina de verdade foi e nasceu, chorando mais do que a da novela, decerto pra mostrar a todos como era braba.

Isso Karina era, era braba sim, agora braba mesmo ela ficou foi naquela noite em que Antônio se esqueceu de fazer de conta que era o personagem e o beijo saiu de verdade, logo no início do ensaio: “Será que não dá pra entender como é um beijo de novela, meu Deus?” E Antônio respondeu: “Dá demais. Um personagem que não sou eu vai usar a minha boca pra beijar um personagem que usa a sua boca, mas não é você. Eu tenho que sentir o personagem aqui dentro, sentir o amor dele, ter vontade por ele, mas na horinha mesmo eu tenho que deixar de ser ele e voltar a ser eu pra poder me lembrar que esse é um beijo de novela e quem está beijando não sou eu, é ele.”

E com essa explicação provou que, entender, tinha entendido, só não achava justo, pois o único beneficiado na história era o tal do personagem.

Mesmo assim, só pra mostrar que tinha decorado seu papel, Antônio ainda tentou outras vezes olhar no meio dos olhos de Karina, sentir um amor que não era seu, dizer eu te amo, Guadalupe, e dar um beijo de novela em Guadalupe pela boca de Karina. Tentou, tentou, mas lhe parecia tão impossível que quase ia confessando:

“Que eu te amo eu decorei faz tempo, Karina, que tu é Guadalupe é que não tem jeito de eu decorar.” Só não confessou porque não era com aquelas palavras que havia de dizer coisa tão importante.

Passou então a procurar entre as palavras importantes a mais parecida com aquela coisa lá que ele queria dizer.



Antônio pensava que tinha palavra que servia pra usar no dia a dia e tinha palavra que só servia pra fazer ditado. Sempre ficou intrigado: “Que ideia de jerico se inventar um negócio que só dá trabalho de aprender pra nunca ter o prazer de fazer uso.” Ainda mais palavra difícil de escrever como extravagância,

se qualquer extravagância que se fizesse em Nordestina era tida por leseira mesmo.

E haja a procurar palavra importante pra explicar que sua leseira, ou sua extravagância, com acento circunflexo, era querer Karina até onde se pode querer alguém neste mundo de meu Deus, com letra maiúscula, pois, além de nome próprio, Deus é como atende nosso pai e criador.

Com tanta palavra que existia e não havia uma que servisse pra dizer o que Antônio sentia por Karina exatamente. Até que ele tentou inventar algumas, mas não havia som nem letra escrita que dissesse nada parecido.

Assim, sem ter como fazer com que ela soubesse o que ele sentia, o tempo de Antônio ia passando pelos dias de Karina. Dia de segunda tinha filme americano, dia de terça tinha cheiro de feira, dia de quarta tinha o programa que ela mais gostava, depois da novela, e naquela quarta ia passar o último *clip* dos Condenados.

Os Condenados eram quatro rapazes que cantavam e faziam muito sucesso naquele mês de setembro.

Clip era um filmezinho que você via mas não precisava entender.

O *clip* dos Condenados devia ser muito bom ou do contrário a plateia não ia gritar tanto. O pedaço em que aparecia uma vaca pastando era da maior importância pra não com-

preensão daquela aparição, e a freira que voava com uma touca de natação amarela na cabeça também merecia ser observada detalhadamente, uma vez que não servia pra nada a não ser pra isso.

No que findou o *clip*, Antônio levantou-se da cadeira, disse até amanhã e Karina respondeu, até depois de amanhã que amanhã é quinta. Dia de quinta era dia de Karina visitar a avó e Antônio aproveitava pra botar em dia a palavra saudade.

Em compensação, dia de sexta tinha dança no clube. Houve um tempo em que o salão ficava lotado. No tempo de Antônio, não. Como a cada semana ia-se embora um, os pares foram se desfazendo, deixando cada vez mais ímpares desemparelhados. Depois foi a vez dos ímpares irem ficando também cada vez menos, coitados desses, é impressionante como os números ímpares são muito mais tristes do que os pares. Num sexta o conjunto ficou sem violeiro, na outra sem sanfoneiro, na outra sem cantor, e, naquela sexta, Antônio teve que se virar em vários pra tocar, cantar e dançar com Karina ao mesmo tempo, ou ia bem deixá-la lá, sentada?

Dia de sábado era quando a luz do sol que entrava pela janela do quarto, refletida no chão, acordava mais perto da porta. Ele achava bonito pensar que o sol tinha nascido depois, porque era sábado, e foi pena que naquele dia ficou provado o contrário.

No que deu seis horas da manhã, e a luz lá, onde ficava de segunda a sexta, Antônio pulou da cama com um pressentimento. Era como se estivesse por nascer uma maneira de convencer Karina daquilo que não tinha nome, não tinha forma, não tinha jeito, não tinha espaço.

Acordado Antônio ficou, “O que é que tu tanto pensa, menino?”, “Besteira, mãe”, até o dia seguinte, que, por ser domingo, era dia de dar volta na praça.



E foi mesmo na frente da igreja que a vida de Antônio deu uma volta medonha, pois, no que viu Karina, seu coração disse pra sua cabeça, vá, e sua cabeça disse pra sua coragem, vou, e sua coragem respondeu, vou nada, mas sua boca não ouviu e beijou Karina bem ali, no meio da praça, e a boca de Karina não disse não, e nem poderia, pois estava por demais ocupada.



Daí pra frente se sucederam muitas noites de festa e muitas outras de desgraça, tanto no coração dele como no dela, e a graça do amor não é justamente esse emperrado? Quer, não